



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITACAO: JORNALISMO

“Meu corpo, Meu parto, Minhas regras”

Relatório do vídeo documentário de conclusão de curso

Juliana Terra Guerra de Oliveira Andrade

10723483

João Pessoa - PB

2016

JULIANA TERRA GUERRA DE OLIVEIRA ANDRADE

“Meu corpo, Meu parto, Minhas regras”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, em Jornalismo.

Orientador: Prof^a Dr^a Glória Rabay

João Pessoa - PB

2016

JULIANA TERRA GUERRA DE OLIVEIRA ANDRADE

“Meu corpo, Meu parto, Minhas regras”

Relatório referente ao Trabalho de conclusão de Curso apresentado junto à banca examinadora do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como exigência parcial para obtenção do bacharelado em Jornalismo.

Orientadora: Glória Rabay

Membros da Banca

_____	_____
Professora Glória Rabay	Nota
_____	_____
Professora Margarete Almeida	Nota
_____	_____
Professor Luiz Mousinho	Nota

Média Final: _____

João Pessoa - PB, de junho de 2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria Suzana Guerra de Oliveira e Delso Oliveira Andrade, que sempre me incentivaram a concluir meu curso, sempre dedicaram seus esforços aos meus estudos, da minha irmã, sempre estimulando nossa inteligência, além de lutar pela nossa liberdade, felicidade e independência ao pensar.

À minha irmã, Luana, pelos constantes puxões de orelha, incentivo e para lembra-la que nós somos mestres do nosso destino.

Principalmente ao meu filho Ravi, por toda a força que despertou em mim, por ter me ensinado o que o amor mais cru e me fazer querer ser sempre a melhor pessoa possível.

A Dr^a. Glória, minha querida terapeuta, que me auxiliou muito em todo o processo e sempre acreditou em mim.

AGRADECIMENTO

A minha orientadora Glória Rabay, pela força e paciência (mesmo), pela história de luta.

A Delosmar Magalhães, meu amigo que me ajudou em todo o processo desse projeto.

A Eteniram Ramos, por sempre me incentivar a concluir essa etapa e estar sempre comigo, e a Walter Santana por sempre estar lá quando eu preciso.

Aos meus amigos e colegas de curso, que de uma maneira ou de outra me ajudaram a crescer como pessoa e profissional.

Aos Cinco, o grupo que surgiu nos trabalhos da universidade e levamos para a vida, obrigada Yves Feitosa, Celina Modesto, Marília Domingues, Luciano Mendes.

A todos os integrantes do Coletivo de Comunicadores Sociais COMjunto. Todos vocês estão e estavam comigo ao ir trilhando meu caminho na universidade e fora dela. Obrigada, Maria José, Janaine Aires, Mayra Medeiros, Rayssa Medeiros, Simão Mairins, Lucas Lucatero, Alexandre Santos.

As minhas colegas e amigas e amigos de trabalho da Cunhã Coletivo Feminista, que me fizeram abraçar mais e mais a mulher que existe em mim. Agradecida Luciana Candido, Cristina Lima, Anadilza Paiva, Marina Nóbrega, Elânia Andrade, Joana D'Arc, Paula Tabosa, Iaynã Rabay, Soraia Jordão e aos queridos Frank Andrade e Ionaldo Macedo.

A todos os meus professores e professoras do curso, em especial a Luiz Antônio Mousinho, ao professor Carmélio Reynaldo e Wilfredo Maldonato por terem me marcado profundamente e pela vida toda.

“O documentário, entre as inúmeras tendências audiovisuais, pode então passar a ser considerado como uma das adaptações culturais desenvolvidas na evolução da espécie humana, onde a questão do Conhecimento e da Realidade assume posição destacada. Sua forma de produção aproxima-o do fazer investigativo, que também está presente na ciência”.

Hélio Godoy

RESUMO

Este relatório apresenta o processo de realização do vídeo-documentário “Meu Parto, Meu Corpo, Minhas Regras”, trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal da Paraíba. O objetivo do vídeo foi registrar o empoderamento e a volta do protagonismo feminino no processo de trabalho de parto e no auxílio das doulas neste momento. Atualmente a questão do parto humanizado, do direito das mulheres e do fortalecimento do empoderamento feminino na nossa sociedade tem sido amplamente discutida. A realização de um documentário a respeito desse tema serve como forma de disseminação de conhecimento sobre o assunto, além de dar espaços para a voz às mulheres, já que o documentário é utilizado para registrar acontecimentos, paradgmas, fatos da sociedade. Neste sentido, considerei que a linguagem cinematográfica a mais apropriada para a mensagem que queria transmitir, daí sua escolha.

Palavras-chave: jornalismo, documentário, , parto, mulheres, doulas

ABSTRACT

This final report presents the process of realization of the video documentary "My Childbirth - The revival of female empowerment," completion of work of the Social Communication course, Journalism qualification at the Federal University of Paraíba.

The video in question speaks of the back of the female role in the labor process, the empowerment of women in these mothers spaces and assistance of doulas, women attending women in childbirth, during the process.

Since before the structuring, definition and conceptualization as gender cinematic documentary is used to registrar events paradgmas, facts of society. Currently the issue of humanized birth, the right of mulhres and strengthening of women's empowerment in our society has been widely discussed, the making of a documentary on this subject serves as a means of disseminating knowledge on the subject, and give voice to subject.

Keywords: journalism, documentary, film, television, childbirth, women, doulas

Índice

1.	Introdução	10
	1.1. Parir sem direitos, a indústria do parto	11
	1.2. Parir com direitos, o parto humanizado	12
2.	Documentário	14
3.	Metodologia	17
4.	Considerações Finais	19
5.	Referências	20
6.	Apêndice I	23
7.	Apendice II	24

1. INTRODUÇÃO

No ano de 2010 descobri que estava grávida e, após vasta pesquisa através de livros, sites, blog e programas de televisão, decidi por um parto natural. Durante as minhas pesquisas tomei conhecimento do termo doula e do seu significado, no entanto não sabia onde poderia conseguir esse suporte.

Durante a gravidez, mantive conversas com minha obstetra, que apoiava minha decisão, mas não pode acompanhar meu parto, por motivos de saúde. Fui então encaminhada para outra médica que, em princípio, concordava com meu plano de parto, mas no processo de trabalho de parto, sofri violências obstétricas, não tive minhas escolhas respeitadas e minha opinião ouvida, o que resultou em processo traumático de procedimento cesáreo para nascimento do meu filho. Me senti violada e alvo de violência de uma sociedade machista e patriarcal. Descobri que outras mulheres haviam sofrido coisas parecidas, desde piadas, até procedimentos desnecessários.

Tomei a decisão de me aprofundar ao tema, fazendo o curso de doula, que estava sendo oferecido em João Pessoa pelo GAMA (Grupo de Apoio à Maternidade Ativa), em 2014. Depois da realização do curso, cresceu em mim a necessidade de falar sobre os direitos subtraídos das mulheres, de escolhas sobre o próprio corpo, especialmente no momento do parto.

Durante o processo de percepção e tentativa de recuperação da violência da qual fui vítima, tomei conhecimento do filme “O renascimento do parto”, um filme de Érica de Paula, sob a direção de Eduardo Chauve, realizado no Brasil e exibido em 2013.

Esse documentário trata do parto humanizado, do empoderamento feminino no processo de parir, da necessidade da retomada do protagonismo feminino, das doulas, e de todos os processos e temas que envolvem esse assunto.

A decisão por realizar um vídeo sobre as experiências de parto de algumas mulheres foi motivada pelo desejo de defender o respeito às decisões das mulheres sobre o próprio corpo, bem como divulgar o trabalho das doulas, para que mais mulheres possam conhecer e ter acesso aos sistemas de apoio nesse período de gravidez e do parto.

Parir sem direitos, a indústria do parto

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil ocupa o segundo lugar de maior percentual de cesáreas do mundo (55,6%), perdendo apenas para a República Dominicana, onde a taxa chega a 56,4%. A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) na área privada 85,5% dos nascimentos são feitos através de cesáreas, o que conforme a OMS supera a orientação de 25% e 30% desse tipo de procedimento.

Mesmo quando a mulher tem condições de parir a criança pelo parto vaginal e/ou natural, a indicação, sobretudo na rede privada, acaba, prioritariamente, sendo a cesárea. Esse procedimento cirúrgico é escolhido pelos profissionais e de saúde por ter a duração controlável, pela maior remuneração pelos planos de saúde, além da possibilidade de organizar suas agendas e encaixar quantos partos conseguirem.

Assim, em muitas situações, ocorre o procedimento cirúrgico por decisão do médico, em detrimento da vontade da mulher. Não existe um diálogo sobre os benefícios de um parto humanizado, natural e consciente, onde a vontade da mulher seja respeitada e seja priorizado o bem estar e a saúde da mãe e do bebê.

Toda essa consciência do protagonismo feminino no processo do trabalho de parto, empodera as mulheres para saber lidar com suas escolhas, seu corpo, reforçando sua liberdade, força e autonomia enquanto ser cidadão. Segundo Priscila Huguet, Ginecologista/Obstetra,

O empoderamento é um neologismo originado da palavra "empowerment", que significa delegar poder. Em se tratando de gestantes, significa permitir que cada mulher seja a protagonista de seu parto e que seu direito de parir seja resgatado com riqueza e plenitude. O empoderamento deve ser entendido como um processo pelo qual podem acontecer transformações nas relações sociais, culturais, econômicas e de poder.

Acreditando que as mulheres precisam ter mais voz, para que elas ocupem seus espaços de direito, nada mais coerente do que fazer um documentário onde as mulheres podem falar de sua realidade e suas experiências.

Thiago Altafini, jornalista, explanou na Revista de Recensões de Comunicação e Cultura, que o documentário busca

a reflexão e a compreensão aprofundada da questão abordada, deixando para o espectador o papel de relacioná-la com seu contexto histórico, econômico, político, social e cultural (...) permitindo ao espectador suas próprias conclusões. (1999, p.1)

Parir com direitos, o parto humanizado

Mundialmente, tem se observado o crescimento da procura pelo parto humanizado. Cada vez mais as mulheres buscam um atendimento voltado para as suas necessidades e de seus bebês, respeitando seus corpos e escolhas.

Ao humanizar o parto, as necessidades da mulher são ouvidas, elas possuem a autonomia e liberdade de decidir como parir, decidindo os movimentos, se querem banho, se querem comer, recebem massagem, restando aos profissionais de saúde o papel de assistir e auxiliar caso seja necessário. Nesse modelo, o papel de protagonista retoma para quem de fato o merece: a mulher.

Os procedimentos são discutidos anteriormente e estabelecidos no plano de parto, porém em caso de algum imprevisto médico, os procedimentos são conversados com a mulher ou o acompanhante antes de alguma decisão ser tomada.

Esse processo de humanização do parto é mais benéfico física e emocionalmente para mãe e bebê, pois diminui a quantidade de indicações de cesáreas, o número de intervenções desnecessárias, e aumenta o suporte necessário para a parturiente, já que permite e incentiva a presença da doula (mulher que presta o serviço de assistência à parturiente) e do acompanhante, num ambiente acolhedor e seguro, bem como o aleitamento materno. Reconhecer o direito de escolha das mulheres é permitir seu direito enquanto cidadã, respeitar o seu processo, permitir que ela encontre dentro de si a força que possui.

O parto humanizado diminui ainda as taxas de depressão pós parto e os traumas ao bebê, já que ele é poupado de procedimentos e exames físicos desnecessários e muito invasivos.

O tema principal desse trabalho é o respeito ao protagonismo da mulher, ao direito ao corpo e às escolhas no momento do trabalho de parto, além de mostrar como

o parto humanizado e uma forte linha de apoio são necessários para o bem estar físico e emocional das mulheres, nesse caso especificamente tratamos do trabalho das doulas.

Com o crescimento das adeptas de parto humanizado e da liberdade de escolha, o tema tem sido muito abordado pela sociedade, o que trouxe maior visibilidade ao trabalho das doulas.

A partir de 2015, em diversas cidades do Brasil, inclusive João Pessoa, através do PL 907/2015, a gestante pode solicitar o acompanhamento da doula em hospitais tanto da rede particular quanto pública

A profissão de doula é cadastrada no CBO - (Cadastro Brasileiro de Ocupações), como pessoa capacitada para auxílio e acompanhamento de mulheres antes, durante e depois do parto. Não é uma profissional de saúde, mas na sua atuação, contribui para a redução do tempo de trabalho de parto, além de dispensar a prática de métodos, com o uso de fármacos.

Aqui em João Pessoa, na Paraíba, a maternidade pública Cândida Vargas, disponibiliza curso de formação para doulas, no qual quatro turmas já foram capacitadas. O curso tem duração de um ano e as alunas realizam as atividades práticas na própria maternidade.

Levantar a dificuldade das mulheres que optaram por outro modelo de parto que não o imposto pela sociedade, pela indústria e os profissionais de saúde, mostrando que mesmo com obstáculos as mulheres elas tem conseguido com muito esforço retomar seu local de atuação, é um dos objetivos do vídeo.

2. O DOCUMENTÁRIO

O cinema trouxe uma revolução cultural e narrativa, sendo então considerado como a sétima arte. Este termo foi criado por Ricciotto Canudo em 1911, e publicado no ano de 1923 no *Manifesto das Sete Artes*. Ricciotto expõe que o cinema engloba as seis artes: música, dança, pintura, escultura, literatura, teatro, sendo então o cinema a arte mais completa, impondo sua importância e influência pela própria linguagem e expressão cultural.

O cinema, a partir do reconhecimento da “autonomia enquanto arte” (BRITO, 1995, p.111), parou de ser considerado como “o trabalho da câmera, um mero registro do real” (BRITO, 1995, p.202).

Como arte, o cinema procura e causa um intercâmbio entre outras artes e campos. Sendo assim, de acordo com Vanoye e Goliot-Lété, “um filme jamais é isolado” (1994, p.24). Serve como “formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual. São, portanto, socialmente necessárias, traduzindo impulsos e necessidades de expressão, de comunicação e de integração que não é possível reduzir a impulsos marginais de natureza biológica” (CANDIDO, 1968, p.70).

O cinema, igual a todas as outras artes, está intimamente ligado à complexa estrutura da sociedade e a sua essência, e representa uma perspectiva sobre aspectos sociais; não podemos então desconsiderar o momento da feitura de um filme. É notável, através do estudo da história do cinema, como algumas obras cinematográficas representavam uma época ou estilo, como fatos influenciaram certos filmes, e como determinado costume foi apaziguado ou fortalecido pelo cinema.

Sem deixar de considerar que o contexto social no momento em que o filme foi feito pode influenciar o enredo, o tipo de discurso, a *diegese* e as personagens de um produto cinematográfico. Sendo assim o cinema “é também uma técnica, uma indústria, um fato cultural e um mito” (BRITO, 1995, p.248).

um filme é um produto cultural inscrito em um determinado contexto sócio-histórico. Embora o cinema usufrua de relativa autonomia como arte (com relação a produtos culturais como a televisão ou a imprensa), os filmes não poderiam ser isolados dos outros setores de atividade da sociedade que os produz (quer se trate da economia, quer da política, das ciências e das técnicas, quer, é claro, das outras artes) (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p.54).

Além da influência do contexto social, e de aspectos da sociedade o produto cinematográfico se molda também na percepção de seu idealizador/realizador, nos seus valores, subjetividade e parcialidade a respeito das experiências vivenciadas, pessoais ou não que servem de base para a construção das obras. Refletindo sobre duas vertentes importantes da história do cinema, João Batista de Brito ressalta que, mesmo com cem anos de história, o cinema apresenta uma “dicotomia entre a cópia mimética do real e a criação gratuita” (1995, p. 210). Então, as histórias cinematográficas têm uma parte do real e uma parte da fantasia, mesmo o gênero documental, a arte do cinema possui essa natureza dicotômica.

No plano teórico, não há abordagem que não a leve em conta, e, efetivamente, as duas mais radicais formulações sobre o cinema a refletem. Assim, a concepção do francês André Bazin de que a essência da arte cinematográfica reside na fotogenia do real deriva diretamente do realismo dos irmãos Lumière, do mesmo modo que a noção do russo Eisenstein de que a expressão da arte fílmica depende da conjunção de planos antagônicos tem as suas raízes no sentido de invenção de Méliès (BRITO, 1995, p. 210).

A história em um produto cinematográfico é construída por imagens fílmicas, “a imagem fílmica é 'realista', ou melhor, é dotada de muitas aparências da realidade” (MARTIN, 1963, p. 18). “É notável que a esse realismo captado pela percepção – o da vida cotidiana com sua beleza, mas também com o que ele tem de feio e vulgar – possam se misturar intimamente e de modo tão fecundo a magia, o sonho, o fantástico, a poesia” (BETTON, 1987, p.9 e 10).

A arte recria a realidade e as possibilidades da fantasia, sendo assim os seus produtos nada mais são que expressões pessoais dos seus idealizadores/realizadores, onde os acontecimentos narrados têm influência dos seus valores, visto através de sua subjetividade e parcialidade.

Mesmo o documentário, que em teoria é um produto que expressa e recria/mostra fatos e acontecimentos do real, não pode ser considerado uma expressão fiel da realidade, já que a sua criação parte da perspectiva do idealizador. Sendo assim, podemos afirmar que o realizador constroi a obra de acordo com suas experiências pessoais, construção social, entendimento, então o mesmo “assunto” pode ter diferentes abordagens de acordo o ponto de vista do idealizador/realizador, sendo então uma mistura entre realidade e ficção. Segundo Godard, todos os grandes filmes de ficção tendem ao documentário, como todos os grandes documentário

tendem à ficção. [...] E quem opta a fundo por um encontra necessariamente o outro no fim do caminho”. (GODARD *apud* DA-RIN, 2004, p. 17).

O que de fato difere o documentário dos demais gêneros é que ele utiliza de personagens reais, com histórias do cotidiano para exprimir um recorte da realidade, Segundo Penafria o documentário tem como principal propósito,

Incentivar o diálogo sobre diferentes experiências, sentidas com maior ou menor intensidade. Apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não vêem ou lhes escapa. (2001, p.5)

3. METODOLOGIA

Inicialmente, a proposta era abordar esse tema no formato de monografia, porém a partir de minha afinidade pessoal com o cinema e pensando na riqueza dos depoimentos pessoais de mulheres, todas doulas, optei por um produto audiovisual.

A partir da experiência de minha gravidez, da participação no curso de doulas, em grupos de gestantes e chats, comecei a montar o roteiro para a gravação, com foco em tudo que estava sendo discutido na mídia, bem como na minha percepção como mulher, mãe e feminista.

Escolhi mulheres que fizeram o curso de doulas comigo. A escolha das mulheres se deu pelas histórias que elas me contaram de experiências como mulheres, mães e doulas. Rafaela Paiva, Juliana Sallenave e Heloia Aires atuaram como doulas particulares e voluntárias na maternidade pública Instituto Candida Vargas, dentre as quais, a coordenadora de doulas Larissa Sales, que foi escolhida também por ser enfermeira obstetra. Todas as mulheres se conheciam e algumas chegaram a “doular” o parto das outras entrevistadas.

Escolhi essas mulheres também por que elas passaram por trabalhos de parto violentos e posteriormente através de outras gestações conseguiram ter um parto humanizado assistido por doulas, tirando o caso de Larissa Sales que por estar inserida no meio da humanização de parto como profissional e por trabalhar e conhecer a equipe que auxiliou no parto não enfrentou violências.

Enfrentei problemas para achar mulheres que se sentissem a vontade para falar que também não fossem doulas, por isso todas as mulheres escolhidas eram também doulas.

Optei por não colocar o relato de parto delas, que de certa forma serviria para reafirmar o discurso da importância da presença das doulas na humanização do parto, por uma questão de tempo. Acreditei que se colocasse o tempo do documentário poderia ser muito estendido e que poderia ser massante.

Tive muitos problemas técnicos, já que optei por realizar todo o processo de edição e montagem por conta própria no meu computador. Como não havia editado um material tão extenso não sabia como o computador se comportaria. Durante o processo perdi por quatro vezes a edição do vídeo. A sincronização do vídeo com o áudio também foi prejudicada, o que me impossibilitou de usar outras imagens que haviam sido captadas. Inicialmente as mulheres entrevistadas aceitaram a utilização e vídeos pessoais dos seus trabalhos de parto, mas acredito que por vergonha, já que elas não

explicaram claramente e eu não forcei uma explicação, elas mudaram de ideia durante a edição do vídeo, o que empobreceu o trabalho, visto que isso configuraria em imagens e vídeos tudo que elas estavam falando da liberdade e acolhimento no parto humanizado.

Houve muitos problemas para o tratamento do áudio já que meu computador não suportava a utilização dos programas de edição de áudio, apesar de eu ter conhecimento nos programas e nos processos de tratamento de som.

Todas as imagens foram tratadas e melhoradas, utilizamos no set de filmagens iluminação, microfones profissionais, o produto bruto estava com qualidade excelente, mas na hora da edição houveram esses percalços. Posteriormente tomei conhecimento que poderia editá-los na ilha de edição da Universidade Federal da Paraíba, mas com horários restritos teria problemas para conciliar com horário de trabalho e com questões pessoais. Futuramente pretendo editar novamente esse trabalho em um computador que consiga suportar os arquivos e programas para escrevê-lo em festivais e poder divulgá-lo.

As imagens escolhidas durante a fala das mulheres, foram escolhidas junto com elas, algumas outras expunham muito seus espaços pessoais, escolhi também imagens para preenchimento dos espaços que ficariam os vídeos dos partos das entrevistadas além de achar que poderia ser interessante. Mas inicialmente a proposta era colocar balões explicativos sobre o que estava sendo dito, como por exemplo no momento em que a entrevistada Juliana Sallenave fala sobre episiotomia, um procedimento médico, onde é feito um corte com tesoura na área externa da vagina para que não haja uma laceração, que pode ou não ocorrer, no nascimento da criança, esse procedimento ainda é adotado e comprovadamente desnecessário, como fala Melânia Amorim, médica obstetra, parteira, formada pela Universidade Federal de Pernambuco e defensora do parto humanizado e natural, atualmente ela participa de curso de doulas e dá palestras em todo o Brasil da perspectiva médica.

Porém, como o computador estava travando muito, optei por não fazer como havia pensado inicialmente, acreditando que não conseguiria realizar a proposta. Isso será corrigido futuramente.

A escolha da fonte demorou dois dias e longa pesquisa em banco de fontes, por que queria algo que mostrasse fluidez, a escolha da textura utilizada na capa e na legenda foi por acreditar que todas as mulheres tem nuances, como todo o trabalho de parto. Escolhi a cor roxa por ser uma cor relacionada ao feminismo. O tempo de

legendada é o que é normalmente adotado em outros documentários e programas de televisão.

A trilha ia ser composta por Nívea Maria, música graduada na Universidade Federal da Paraíba, mas por questões pessoais ela ficou impossibilitada. Eu queria que uma mulher compusesse a música após assistir o vídeo, porque esse filme é sobre as mulheres e seus corpos, suas vidas. Com a impossibilidade dela não consegui achar outra mulher que estivesse disponível para discutir a trilha, assistir o vídeo e compor. Queria uma trilha instrumental, e encontrei My Fair Lady, que ao ouvir a primeira vez me parece casar muito bem com o vídeo. Uma música forte, com algo de música clássica, além da letra ter muito a ver com a questão da arte de parir.

Não tratei as fotos pessoais das mulheres utilizadas no vídeo, por ser um trabalho de outro fotógrafo, respeitando o trabalho e concepção deles eu não alterei nada.

Para a fundamentação teórica do argumento para a execução do projeto, utilizei leituras a respeito de cinema realizadas principalmente no período em que participei Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com o professor Luiz Antônio Mousinho, e através das discussões no Grupo de Estudo e Pesquisa Audiovisual, orientado pelo mesmo professor.

Todo o material teórico-metodológico, foi importante para conceituar as terminologias utilizadas neste trabalho, como também para confeccionar este relatório.

As imagens dos depoimentos foram capturadas por uma Canon 7D, com tripé e microfone shotgun YODA, e por uma segunda câmera Canon 60d, dirigida por Delosmar Magalhaes, graduado no curso de Radialismo, da Universidade Federal da Paraíba.

O processo de gravação aconteceu no final de novembro e durante o mês de dezembro concentrado em quatro finais de semana, sendo um para cada entrevista. A edição foi realizada em computador próprio, em um intervalo longo, já que o equipamento não era apropriado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este documentário representa anos de pesquisa e experiências pessoais. Foi um longo processo até chegar a sua conclusão. Todos os anos em que passei na universidade me serviram para abrir minhas perspectivas enquanto comunicadora social, além de me dar meios físicos, oportunidades e possibilidade de conhecer pessoas que pudessem sempre ensinar algo novo.

O cinema sempre me fascinou, e talvez por esse motivo eu quis trilhar esse caminho. A parte técnica de todo o processo foi desgastante, já que durante a edição tive que recomeçar tudo quatro. No entanto, cada vez que eu perdia todo o trabalho, eu enxergava como uma possibilidade de aprender algo novo e talvez melhorar o que já havia sido feito.

Ao escolher um documentário ao invés de uma ficção eu optei por deixar que as personagens falassem por elas, que as vozes das mulheres fosse de fato ouvidas, mas esse é o gênero cinematográfico que carece de mais atenção e organização o que tornou tudo ainda mais desafiador.

A escolha do tema surgiu naturalmente e para mim poder concluir isso é um passo no processo de cura das violências que sofri, ajudando também outras mulheres a ter seu lugar de direito e se curarem.

REFERÊNCIAS

ALTAFINI, Thiago. **Cinema documentário: Evolução histórica da Linguagem.** In: **Recensio: Revista de recensões de comunicação e cultura.** Lisboa-Portugal, 1999. http://bocc.ubi.pt/pap/pag_texto.php3/html3/html2=altafini-thiago-cinema-documentario-brasileiro.html. Acesso em: 27 agosto 2015.

BRASIL, Antônio. **Documentário: crônica de uma morte anunciada.** In: **Qualidade na TV: Documentário. Observatório da Imprensa.** São Paulo, 2002. <http://observatoriodaimprensa/artigo-antonio-brasil.html>. Acesso em: 04 setembro 2015.

BRASIL, Antônio. **Eles se recusam a morrer.** In: **Qualidade na TV: Documentário. Observatório da Imprensa.** São Paulo, 2002. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/qtv240420022p.htm>. Acesso em: 24 setembro 2015.

BETTON, G. **Estética do Cinema.** Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BRITO, J. B. d. **Imagens Amadas: ensaios de Crítica e teoria do cinema.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.

CANDIDO, A.; ROSENFELD, A.; PRADO, D. D. A.; GOMES, P. E. S. **A personagem de Ficção.** 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1968.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade.** 9 ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2006.

D'ANUNCIACÃO, Luciana Rodrigues. **Uma (breve) história do documentário – parte 1.** Mato Grosso, 2000. <http://www.taocurta.com.br/artigo.asp?artigo=66> Acesso em: 06 junho 2015

D'ANUNCIACÃO, Luciana Rodrigues. **Uma (breve) história do documentário – parte 2.** Mato Grosso, 2000. <http://www.taocurta.com.br/artigo.asp?artigo=68> Acesso em: 06 junho 2015.

GENETTE, G. **Discurso da Narrativa**. Tradução: Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1980.

GAUDREAU, A.; JOST, F. **A narrativa cinematográfica**. Tradução: Adalberto Müller, Ciro Inácio Marcondes, Rita Jover Faleiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

GODOY, Hélio. **Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento**. São Paulo: An- nablume: Fapesp, 2001.

GUTFREIND, Cristiane Freitas **O filme e a representação do real**. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. v. 6. 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/90/90>>. Agosto de 2006. Acesso em: 16 agosto 2015.

MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.

MELO, Cristina. **O documentário como gênero audiovisual**. **XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. Salvador, 2002. http://www.intercom.org.br/papers/xxv-ci/np07/2002_NP7MELO.pdf. Acesso em: 13 julho 2015.

PENAFRIA, MANUELA. **Perspectiva de desenvolvimento para o documentarismo**. **Recensio: Revista de resenções de comunicação e cultura**. Lisboa-Portugal, 1999. <http://bocc.ubi.pt/pap/penafria-perspectiva-documentarismo.html>. Acesso em: 27 agosto 2015.

PENAFRIA, MANUELA **O filme documentário: história, identidade, tecnologia**. Lisboa: Cosmos, 1999.

REIS, C.; LOPES, A. C. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática, 1988 (Série Fundamentos).

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção Ofício de arte e forma).

HUGUET, Priscila **Parto humanizado e Empoderamento da Mulher** Disponível em: <<http://www.gvinculo.com.br/2013/02/parto-humanizado-e-empoderamento-da.html>> . Acesso em: 16 julho 2015.

APÊNDICE 1

FICHA TÉCNICA - Meu Parto, Meu Corpo, Minhas Regras

DEPOIMENTOS

Heloá Aires
Juliana Sallenave
Larissa Sales
Rafaela Paiva

DIREÇÃO E ROTEIRO

Juliana Terra

PESQUISA

Juliana Terra

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Juliana Terra

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Delosmar Magalhaes

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Juliana Terra

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Delosmar Magalhaes e
Juliana Terra

1ª CÂMERA

Juliana Terra

2ª CÂMERA

Delosmar Magalhaes

SOM DIRETO

Delosmar Magalhaes

EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

Juliana Terra

ORIENTAÇÃO

Glória Rabay

Apêndices II

ROTEIRO - Meu Parto, Meu Corpo, Minhas Regras

TEMPO TOTAL: 00:16':01''

ÍNICIO	
IMAGEM	ÁUDIO
Dissolução de Filme. Aparece a logo da UFPB Dissolução de Filme.	
Dissolução de Filme. Cartela: 00:00':02'' – “Apresenta” Dissolução de Filme.	
Dissolução de Filme. Cartela: 00:00':04'' – “Meu parto, meu corpo, minhas regras” Dissolução de Filme.	Ganho exponencial. Começa a trilha “My Fair Lady”
Dissolução de Filme. Cartela: 00:00':06'' - “Mundialmente, tem se observado o crescimento da procura pelo parto humanizado. Cada vez mais as mulheres buscam um atendimento voltado para as suas necessidades e de seus bebês, respeitando seus corpos e escolhas. Dissolução de Filme.	Atenuação exponencial aos 00:00:13''
Dissolução de Filme. Cartela: 00:00':13'' – “Parto – Contexto Histórico” Dissolução de Filme.	

Imagem interna original do áudio - Entrevistada Larissa Sales	
00:00:43'' – Imagem do acervo pessoal de Larissa grávida.	
00:01':04'' – Imagem dos tipos de parto	00:00:15'' – “Desde antigamente o parto acontecia em casa...”
00:01':34'' – Foto da “2ª Marcha pelo Parto Humanizado” disponibilizada na internet dia 12 de abril de 2014. Retirada do acervo pessoal das meninas	
Dissolução de Filme. 00:01':52'' – Cartela: “Retomada do protagonismo” Dissolução de Filme.	Ganho exponencial 00:01':52'' – Entra a trilha “My Fair Lady” Atenuação exponencial 00:01':56'' - Cai
Imagem interna original do áudio - Entrevistada Larissa Sales	
00:02':11'' – Foto da “1ª Marcha pelo Parto Humanizado” disponibilizada na internet dia 07 de agosto de 2012. Retirada do acervo pessoal das meninas	00:01':56'' - “O parto humanizado ele vem tirando, né, a visão dos médicos, da equipe de saúde e voltando o protagonismo ... e se alimentando que é o principal”
00:02':24 – Imagem sobre as diferenças do parto natural e parto normal	
Dissolução de Filme. 00:02':39'' – Cartela: “A escolha” Dissolução de Filme.	Ganho exponencial 00:02':39'' – Entra a trilha “My Fair Lady” Atenuação exponencial 00:02':43'' – Cai a música
00:02':39'' - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Heloa Aires	00:02':43'' – “Chegou uma época da gravidez que eu não sabia se queria uma cesárea ou parto normal ... Eu quero escolher, eu só queria isso, escolher”
00:03':00'' – Foto de acervo pessoal da barriga de Heloa	
00:03':10'' - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Juliana Sallenave	00:03':10'' – “Eu busquei bastante o parto natural ... “
00:03':21'' – Foto de acervo pessoal da barriga de Juliana	
00:03':29'' - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Heloa Aires	00:03':29'' – “Eu vi que existia todo um cenário que eu não sabia”
00:03':36'' - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Rafaela Paiva	
Foto da “1ª Marcha pelo Parto Humanizado” disponibilizada na internet dia 07 de agosto de 2012. Retirada do acervo pessoal das meninas	00:03':36'' – “Ser respeitada e estar com uma equipe que é completa, é surreal... E essa questão é fundamental”
00:04':25'' - Imagem interna original do	00:04':25'' – “Cada parto é uma

áudio - Entrevistada Heloia Aires	viagem...”
Dissolução de Filme. 00:04’:50” – Cartela: “Doulas” Dissolução de Filme.	Ganho exponencial 00:04’:50” – Entra a trilha “My Fair Lady” Atenuação exponencial 00:04’:54” – Cai a música
00:04’:54” - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Larissa Sales	00:04’:54” – “A doula é uma palavra de origem grega ... com mais força com mais movimento”
00:05’:18” - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Larissa Sales	00:05’:18” – “Doula é a mulher que apoia ... que é o momento mais sensível pra a mulher”
00:05’:32” - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Larissa Sales	00:05’:32” – “Eu sempre fala para as meninas... e outras coisas também”
00:05’:53” – Foto acervo pessoal de Larissa na maternidade	
00:06’:03” - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Heloia Aires	00:06’:03” – “Antigamente a doula era uma amiga já experiente ... desenvolvesse o trabalho de parto”
00:06’:19” – Foto acervo pessoal de Heloia no banheiro	
00:06’:21” - Foto acervo pessoal de Heloia dando abraço na doula e no marido	
00:06’:53” - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Heloia Aires	00:06’:53” - “A questão da doula também traz aquele resgate”
00:07’:09” - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Larissa Sales	
Dissolução de Filme. 00:07’:05” – Cartela: “Relação das doulas com a equipe médica” Dissolução de Filme.	Ganho exponencial 00:07’:05” – Entra a trilha “My Fair Lady” Atenuação exponencial 00:07’:09” – Cai a música
00:07’:09” - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Larissa Sales	00:07’:09” – “A equipe médica ela é mais resistente com a presença das doulas .. Ainda temos um pouco de resistência ainda”
00:07’:19” – Imagem da roda de gestante Gestar Maternar sobre a cesárea	
00:07’:42” – Print da notícia falando sobre da reclamação dos médicos da presença das doulas	
00:07’:58” - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Heloia Aires	00:07’:58” – “No geral no hospital a doula... é um trabalho que sempre esbarra nas normas hospitalares e essas questões”
00:08’:26” – Imagem da roda de gestante Gestar Maternar sobre a assistência ao parto	
00:08’:55” - Imagem interna original do	
	00:08’:55” – “A médica tinha avisado ...

áudio - Entrevistada Juliana Sallenave	Vou deixar, tudo bem”
00:09’:08” – Imagem da relação das doulas com os médicos	
00:09’:23” – Foto acervo pessoal de Juliana com o marido	
00:09’:30” - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Heloa Aires	00:09’:30” – “O papel da doula quanto á isso que o médico faça alguma coisa que ela não quer”
00:09’:50” – Foto acervo pessoal de Juliana cercada de pessoas	
00:10’:04” - Imagem interna original do áudio - Entrevistada Larissa Sales	00:10’:04” – “Ajudar ela a fazer o plano de parto
00:10’:13” – Imagem sobre “Como nascem os bebês no Brasil”	
Dissolução de Filme. 00:10’:32” – Cartela: “Violência Obstétricas” Dissolução de Filme.	Ganho exponencial 00:10’:32” – Entra a trilha “My Fair Lady” Atenuação exponencial 00:10’:36” – Cai a música
00:10’:36” – Imagem interna original do áudio - Entrevistada Juliana Sallenave	00:10’:36” – “Presenciei já em salas de parto ... pressão sobre a mulher assim dentro da sala de parto”
00:11’:08” – Imagem sobre “Proposta Como nascem os bebês no Brasil”	
00:11’:22” – Imagem interna original do áudio - Entrevistada Rafaela Paiva	00:11’:22” – “A mulher tem que parir deitada...”
00:11’:52” – Imagem sobre “Violências sofridas durante o atendimento ao parto”	
Dissolução de Filme. 00:12’:21” – Cartela: “Relato de Violência obstétrica” Dissolução de Filme.	Ganho exponencial 00:10’:32” – Entra a trilha “My Fair Lady” Atenuação exponencial 00:10’:36” – Cai a música
00:12’:25” – Imagem interna original do áudio - Entrevistada Juliana Sallenave	00:12’:25” – “Eu tomei a hack...”
Dissolução de Filme. 00:15’:40” – Cartela: “Sou mulher, sou mãe, sou doula” Dissolução de Filme.	00:15’:40” – “Sou mulher, sou mãe, sou doula” Trilha em BG.
Dissolução de Filme. 00:15’:43” – Cartela: “Ficha Técnica”	Ganho exponencial 00:15’:43” – Entra a trilha “My Fair Lady” Atenuação exponencial 00:16’:01” – Cai a música

